

**A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA DE FOUCAULT E SUA RELAÇÃO COM O  
PENSAMENTO DE KANT: DA ANTROPOLOGIA CRÍTICA À ONTOLOGIA  
HISTÓRICA**

Tiago Viotto da Silva

(UNESP/Assis – Doutorando em História – FAPESP Processo nº 2017/15656-0)

[viotto.ts@gmail.com](mailto:viotto.ts@gmail.com)

**I**

A iniciativa de investigar as possíveis relações de Michel Foucault com o pensamento de Kant se vincula a uma pesquisa que articula duas frentes: a primeira, preocupada em compreender os principais aspectos que envolvem a ideia de *ontologia histórica*, tal como formulada por Foucault em suas reflexões da década de 1980 – onde a referência aos textos de Kant torna-se uma importante tônica; a segunda, volta-se para a tentativa de entender de que maneira a prática de escrita da história de Foucault (seu uso dos documentos, seu método empírico-descritivo) pode ser compreendida como *uma* forma de efetivação dessa sua concepção de história – nesse caso, o diálogo com Nietzsche surge como um importante aporte e complemento para a discussão.

Entretanto, o interesse pelas relações com os textos desses dois autores – especificamente com o de Kant, objeto desta reflexão – não tem como objetivo afirmar o pensamento de Foucault à luz de alguma tradição, herança ou escola. Ainda que ele próprio afirme, na década de 1980<sup>1</sup>, um tipo de afinidade com certa linhagem crítica kantiana, trata-se de uma aproximação que se dá de maneira singular e cuja abordagem demanda alguma cautela. Afinal, como tratar dessa possível relação sem considerar, por exemplo, as reflexões que Foucault desenvolve em seus trabalhos a respeito da função-autor<sup>2</sup>, ou então, das ressalvas feitas a categorias como influência ou tradição? Pertencer, por meio da tradição, implica que a ligação entre determinados autores ultrapasse ligações

---

<sup>1</sup> Conferir, por exemplo, o artigo *O que são as Luzes?* (FOUCAULT, 2001b, p. 1381) ou o verbete *Foucault* (FOUCAULT, 2001b, p. 1450) – ambos de 1984.

<sup>2</sup> Refiro-me aqui, precisamente, às considerações desenvolvidas em *O que é um autor?* (FOUCAULT, 2001a, p. 817).

localizadas e se estenda sob um *continuum* que se organiza com base em elos gerais e transcendentais de afinidade. Por outro lado, a noção de tradição também pressupõe uma assimetria: aquele que se encontra em uma suposta ordem cronológica ulterior é submetido a um constante acerto de contas com seu progenitor, tarefa que requer o cultivo de algumas virtudes, tais como “uma habilidade para sentir o caminho que se encontra às suas costas e um sentido para perceber como as coisas eram, um faro para rastros quase apagados, um instintivo ler corretamente o passado ainda tão indistinto” (NIETZSCHE, 2003, p. 26). Em suma, Foucault se esquivava da noção de tradição, uma vez que, como categoria, ela abre-se a um uso transcendental: “graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos” (FOUCAULT, 2013, p. 25).

Tais observações ganham contornos ainda mais precisos se nos voltamos para o fato de que elas se efetivam, ainda, em uma determinada prática de escrita: pouco afeito ao exercício do comentário<sup>3</sup> ou a escrever história da filosofia, recurso comum a pensadores que buscam ressaltar as *vias* ou *temas* de sua própria atividade filosófica (MUCHAIL, 1995), Foucault desenvolve uma relação particular com os autores com os quais dialoga; esta, por sua vez, pode ser entendida como um *uso*, uma *experimentação*. Na entrevista intitulada *O retorno da moral*, de 1984, essa prática é abordada da seguinte maneira:

(...) acredito que é importante ter um pequeno número de autores com os quais pensamos, com os quais trabalhamos, mas sobre os quais não escrevemos. Eu escreverei sobre eles talvez um dia, mas, mesmo nesse momento, eles serão para mim apenas instrumentos de pensamento. (FOUCAULT, 2001b, p. 1522).

Apesar de todas essas considerações, vale ressaltar que o diálogo com os textos de Kant não se limita a um episódio restrito aos textos de Foucault mencionados anteriormente, isto é, os da década de 1980, já que se encontra presente desde o início de

---

<sup>3</sup> “Mas é necessário que as coisas ditas, por outros e em outros lugares, sejam exclusivamente tratadas segundo o jogo do significante e do significado? Não seria possível fazer uma análise dos discursos que escapasse à fatalidade do comentário, sem supor resto algum ou excesso no que foi dito, mas apenas o fato de seu aparecimento histórico?” (FOUCAULT, 2004, p. XIII - XIX).

sua trajetória intelectual, notadamente com o texto de sua tese complementar – sustentada juntamente com *História da Loucura na idade clássica*, em 1961 – publicada no Brasil sob o título de *Gênese e estrutura da antropologia de Kant* (2011). Ou seja, levando em consideração esses textos que se encontram em pontas opostas da trajetória de Foucault – mas também em diversas outras de suas reflexões – é possível afirmar, com alguma segurança, que o diálogo com Kant é mobilizado por Foucault de maneiras distintas, porém de forma recorrente<sup>4</sup>.

Tendo isso em vista, gostaria de arriscar a construção de uma abordagem sistemática e positiva desse *uso* a que Foucault se refere quando trata de seu diálogo com o pensamento de outros autores, tal como destacado acima. Para tanto, entendo ser importante que tal tentativa assuma, de antemão, o intuito de entender a relação de Foucault com o pensamento de Kant em termos substantivos, isto é, se atentando às categorias, conceitos, propostas teórico-metodológicas, enfim, com os resultados que esses diálogos ensejam; postura que demanda, como contrapartida lógica, um deslocamento em relação à tentação de incorrer a práticas de adjetivação, uma vez que estas, talvez, cedam a um afã demasiadamente metafísico – e trans-histórico – quando buscam aplinar as singularidades históricas de um autor em função de classificações totalizantes e estanques<sup>5</sup>.

Nesse sentido, penso que um caminho possível para o desenvolvimento desse estudo seria o de compreender que essa alegada instrumentalização que Foucault faz de outros autores é realizada em função de problemas que lhes são próprios, que dizem respeito, pois, a seu presente e que, por sua vez, podem ser articulados *junto com* outros pensadores. Utilizando alguns *insights* da pedagogia do conceito de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a figura de Kant, nesse sentido, funcionaria para Foucault como “intercessor, cristal ou germen do pensamento”, ou, ainda, “acontecimento do pensamento”, em suma, como um *personagem conceitual*: figura-ponte, responsável por

---

<sup>4</sup> Em um levantamento realizado junto à coleção *Dits et écrits* (2001a; 2001b) é possível encontrar o número de 33 menções diretas ao pensamento de Kant.

<sup>5</sup> Refiro-me a termos como irracionalista, estruturalista, pós-moderno, desconstrucionista, reacionário, entre outros. Para uma reflexão acerca do trabalho de Foucault que evita estas categorizações absolutas e busca deslocar o autor da insistente rubrica de pós-moderno a que lhe atribuem, conferir: *Entre luzes e sombras: Michel Foucault, um pensador pós-moderno?* (ALBUQUERQUE JR. 2009)

permitir a distribuição de um determinado campo de problemas, categorias, conceitos, métodos e etc., sobre planos determináveis e localizáveis (2010, p. 85).

Pensando a partir desse diapasão, procuro me orientar a partir das seguintes questões: quais são os problemas que Foucault mobiliza em seus diálogos com os textos de Kant? E ainda: quais são os pontos de conexão possíveis de serem estabelecidos entre tais problemas no movimento da trajetória intelectual de Foucault? Mas, principalmente: quais concepções de história eles recobrem?

Tomando como balizas para esta discussão inicial o já referido texto da tese complementar de Foucault, de 1961, e o artigo *O que são as Luzes?*, de 1984, gostaria de ressaltar brevemente os dois diferentes momentos da trajetória intelectual de Foucault que eles recobrem. Ocupando-se desses dois momentos que tratarei a seguir, e atento às singularidades de cada um deles, Diogo Sardinha (2010) procura articulá-los sob um mesmo universo problemático, qual seja: a discussão que envolve os limites do ser e a ética. Desse certo modo, me parece que é possível levar esse exercício adiante, acrescentando a ele um novo termo e, portanto, uma ligeira variação, isto é, trata-se de tentar compreender de que maneira a discussão acerca dos limites do ser pode ser articulada à uma ideia de história.

Senão, vejamos.

## II

O primeiro momento se desenvolve a partir daquilo que podemos chamar de problema antropológico, articulado a partir da tese complementar, de 1961 – trabalho apresentado juntamente com a tese principal *História da loucura na idade clássica*. Composto por uma introdução, tradução e notas para o texto *Antropologia do ponto de vista pragmático*, escrito por Kant em 1798, este primeiro trabalho de Foucault pode ser entendido por uma dupla perspectiva: como um ponto de chegada, se o pensamos em relação aos primeiros momentos de sua formação intelectual, na década de 1950, marcada pela presença das discussões acerca da filosofia humanista, notadamente representada

pela figura de Sartre<sup>6</sup>; e também como um ponto de partida, se entendermos seu primeiro trabalho como uma maneira de já se posicionar em meio essas reflexões sobre o homem (que questionavam a condição de possibilidade de seu conhecimento, sua posição diante dos saberes e do mundo, o que o caracteriza e diferencia diante de outros seres). A partir daí, Foucault sugere uma leitura singular ao pensamento de Kant - e à antropologia que dele se desdobra – que, por sua vez, seria reiterada em reflexões posteriores, como em *As palavras e as coisas* (2007) e *A arqueologia do saber* (2013).

Os termos que constituem esse primeiro momento podem ser dispostos da seguinte maneira. De acordo com o diagnóstico de Foucault, a filosofia de Kant marca o limiar da modernidade na medida em que oferece à finitude humana uma posição central – não como um acidente em relação a um infinito ou a um eterno –, não permitindo, assim, que a razão ultrapasse aquilo que é dado em nossas intuições – em nossas experiências no tempo e espaço. A filosofia crítica, desse modo, realiza a depuração entre aquilo que diz respeito ao nosso conhecimento empírico e aquilo que diz respeito à razão pura - esta que deriva dos limites do saber empírico, mas deles se diferencia. Além disso, a crítica também trata das maneiras pelas quais essas duas diferentes instâncias do saber se relacionam. Uma vez especificado o que é próprio à razão humana, sem remetê-la à posição de uma sombra, ou acidente em relação a algo que lhe supera – seja para além ou aquém –, a filosofia de Kant teria aberto a possibilidade de uma antropologia filosófica, alçando o homem à posição soberana outrora ocupada por Deus. A história, nesse sentido, seria um processo progressivo e contínuo de realização, mas também de revelação, das leis que o homem já contém em si próprio.

No desenvolvimento da *tese complementar* Foucault sustenta que apesar da filosofia crítica de Kant se ocupar com a questão *Was ist der Mensch?* [O que é o homem?], a resposta a este problema não é necessariamente o seu objetivo principal – restringindo-se a apenas um episódio da trajetória kantiana. Para tanto, Foucault acompanha o desenvolvimento dos diversos momentos em que Kant se ocupa com essa

---

<sup>6</sup> Maiores discussões a respeito do referido contexto intelectual podem ser encontradas em: *Michel Foucault, 1926-1984* (ERIBON, 1990), *Michel Foucault e seus contemporâneos* (ERIBON, 1996) e *Foucault: saber, verdade e política* (RIBAS, 2017).

reflexão antropológica – seja em cursos ministrados, anotações de seus alunos, cartas trocadas com outros pensadores que lhes eram contemporâneos, esboços de suas obras, etc. – e, com isso, aponta que essa reflexão acompanha, como um negativo ou um espelho invertido, a todo o desenvolvimento da filosofia crítica. Entretanto, se a filosofia crítica se abre a uma nova dimensão metafísica ao indicar as condições formais de nosso pensamento, ou seja, categorias universais e necessárias, a reflexão antropológica de Kant se organiza a partir de outro plano: trata-se daquilo que Foucault chama de verdadeiramente temporal. Como destaca César Candiotto (2006):

(...) na *Crítica*, o tempo assegura a atividade sintética como constitutiva e não como dispersão temporal; na *Antropologia*, o tempo é garantido por uma dispersão insuperável da própria atividade sintética (p. 193).

Em outros termos, as ações dos homens no transcorrer do tempo não indicariam as leis formais de uma evolução e/ou revelação, mas, tão-só, um conjunto de práticas que evidenciam um exercício cotidiano, ou ainda, um uso e um jogo fundamentado em práticas concretas. Como afirma Foucault, a Antropologia de Kant desenvolve uma “análise da maneira como o homem adquire o mundo (seu uso, não seu conhecimento), quer dizer, como ele pode se instalar nele, e entrar no jogo” (2011, p. 47)<sup>7</sup>. Mais do que desvelar um liame coerente e universal por entre as ações humanas, a antropologia trata a história como um “livro do exercício cotidiano” (2011, p. 46).

Desse modo, na tese complementar de 1961, Foucault propõe outra via para a reflexão antropológica, isto é, a via pragmática, que, por sua vez, se difere de uma *Antropologia metafísica* (SARDINHA, 2012/3). Enquanto esta última se ocupa em questionar os limites que determinam aquilo que o *homem é*, e dos quais ele não pode ultrapassar, a Antropologia Pragmática investiga o homem naquilo que ele faz de si mesmo, ou ainda, naquilo que ele pode e deve fazer como ser que age livremente (KANT, 2006). Se em reflexões posteriores, principalmente em *As palavras e as coisas* (2007), de

---

<sup>7</sup> Noção cara à concepção de história de Foucault, ainda que pouco explorada, a noção de *jogo* [spiel], abre a possibilidade “ (...) pensar a surpresa, o acaso e o improvável como elementos que fazem arte da vida e do processo histórico (...)” (ALBUQUERQUE JR. 2007, p. 169). Ora, seria o caso, por exemplo, de conferir as diversas possibilidades de diálogo que a noção de *jogo*, explorada por Foucault na tese complementar, como a ideia de *descontinuidade*, ciosamente tratada ao longo de toda sua trajetória intelectual.

1966, Foucault se dedica de maneira mais contundente à crítica da Antropologia metafísica do que ao desenvolvimento da *Antropologia pragmática*, os problemas que recobrem a discussão em torno do problema antropológico apontam para importantes aspectos de sua concepção descontínua da história desenvolvida nesse livro na articulação das *epistemes*, pois

é apenas fixando limites temporais ao modo de ser da ordem e recusando, ao mesmo tempo, a ideia de progresso, é que se pode propor um pensamento de ultrapassagem desses limites”, ultrapassagem pensada, aqui, enquanto “uma libertação em relação à maneira de ser que nos mantém cativos (SARDINHA, 2010, p. 186)

Quanto a essa forma de libertação, é possível dizer que o trabalho arqueológico desenvolvido no trabalho de 1966 a apresenta como um deslocamento em relação a *episteme* que constitui o solo sob nossos pés, isto é, como uma erosão inevitável – e próxima – de um conjunto, móvel, condições que permitiram a formação de uma Antropologia metafísica e da centralidade que esta confere ao homem em relação aos saberes. Já a perspectiva pragmática, por sua vez, apresenta essa libertação como na forma de um jogo, sempre recomeçado, de práticas e relações concretas que se dão em um uso cotidiano e que, ao serem reatualizadas, efetivam formas sempre novas do homem se relacionar com o mundo. Em ambos os casos, entretanto, seja pela perspectiva ampla mobilizada pelo diagnóstico das *epistemes* ou pelo aspecto infinitesimal que recobre as práticas cotidianas, “o tempo reina aí, mas na síntese do presente” (FOUCAULT, 2011, p. 47), ou seja, é somente a partir do presente que é possível definir os limites que permitem estabelecer uma ultrapassagem possível.

### III

O segundo momento da relação de Foucault com o pensamento kantiano é mais bem conhecido e gira em torno de outro problema, o da atualidade. O debate com Habermas acerca da delimitação da modernidade, nesse sentido, poderia ser apontado como *um* importante aporte desse novo contexto – assim como a filosofia humanista fora

anteriormente (ERIBON, 1996). Distantes das discussões acerca da antropologia, tal como se desdobraram na década de 1960, Foucault instrumentaliza o pensamento de Kant nesse momento para afirmar, com ele, a possibilidade de uma *história crítica do presente*, cuja baliza, por sua vez, remete ao texto *Was ist der Aufklärung?* [O que é esclarecimento?] (2011), publicado por Kant em 1784.

De acordo com Foucault, neste pequeno opúsculo, há “uma reflexão de Kant sobre a atualidade de seu trabalho”, possível a partir de uma “atitude histórico-crítica”, que se ocupa com o presente não enquanto “uma totalidade ou de uma realização futura. Ela busca uma diferença: qual a diferença que ele introduz hoje em relação a ontem?” (2001b, p. 1387, 1393, 1383).

Na medida em que esta relação com o presente mobiliza a estrutura do pensamento crítico kantiano nas três questões que o perfazem – quais sejam: *Que posso saber? Que devo fazer? O que me é permitido esperar?*<sup>8</sup> –, essa história do presente não encerra, pois, a busca pela diferença somente em uma questão de cunho epistemológico, isto é, acerca da ultrapassagem dos limites de um saber verdadeiro, mas conduz, também, a uma experiência de alteridade em relação a determinadas regras de ação e a modos de relação consigo mesmo – isto é, alcança uma dimensão política e ética. A partir dessa senda, aberta pelo pensamento de Kant, Foucault designa, sob um olhar retrospectivo, seus trabalhos como *ontologias históricas de nós mesmos* (FOUCAULT, 2005, pg.348) que, distantes do projeto de abarcar estruturas universais do conhecimento ou de uma ação moral, referem-se a um “material, a uma época, a um corpo de práticas e a discursos determinados” (FOUCAULT, 2005, pg. 350) naquilo que eles têm de contingente, singular e histórico: contingente, uma vez que se trata de formações que não são erigidas por uma consciência soberana, mas em um campo de imanência que não está imune à ação do tempo e do devir; singular, já que não se inserem em uma continuidade metafísica, aquém ou além das relações empíricas, mas se especializam na noção de acontecimento; histórica, pois efetua um movimento que evidencia um trabalho com a temporalidade uma vez que “o pensamento pensa sua própria história (passado), mas para

---

<sup>8</sup> Sobre a comparação entre as três questões kantianas e o modo pelo qual elas são escrutinadas por Foucault, conferir: (DELEUZE, 2000; 2011).

se libertar do que ele pensa (presente) e, poder, enfim, ‘pensar de outra forma’ (futuro)” (DELEUZE, 2011 p. 127).

#### IV

Apesar de distintos, cada um dos momentos destacados aqui brevemente possuem articulações possíveis, tais como a questão da finitude, dos limites do ser e suas formas possíveis de ultrapassagem a partir de uma ênfase ao presente – problemas estes mobilizados por Foucault *junto com* o pensamento de Kant. A tarefa sobre a qual venho me debruçando neste momento da pesquisa é, justamente, a de tentar recuperar outros pontos de contato que ajudem a especificar, mas também articular, a singularidade da *Antropologia pragmática* e da *Ontologia histórica* de Foucault - bem como o movimento de passagem de uma à outra. Trata-se, para finalizar, de uma tentativa de recolocar sob a ótica de uma teoria-filosofia da história a seguinte questão - colocada por Ricardo Terra (1997) em um dos primeiros artigos publicados no Brasil acerca das relações de Foucault com o pensamento de Kant –: “(...) uma ‘ontologia de nós mesmos’ seria, em perspectiva kantiana, uma pergunta pelo significado da *Aufklärung*, da Revolução Francesa, mas estaria também essencialmente vinculada à questão *Was ist der Mensch?*”.

Nesse sentido, as discussões acerca do significado da *Antropologia pragmática*, principalmente em sua recusa de absolutos metafísicos e a-históricos, não estariam, de alguma forma, vinculadas à história do presente tal como Foucault a formula em suas reflexões da década de 1980? A expectativa é que, perseguindo a tal questão, seja possível construir *uma* reflexão que acompanhe o movimento singular da concepção de história de Foucault, menos para fechá-la sobre uma delimitação absoluta, definitiva, mas, antes, para que *com ela* seja possível mobilizar novos problemas.

#### Referências

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. Entre luzes e sombras: Michel Foucault, um pensador pós-moderno? In: *Caminhos da história (Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES)*, Montes Claros, v. 12, n. 2, p. 11-28, 2009. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/revistacaminhosdahistoria/numeros-antiores-nova/v-14-2-2o-semester-de-2009>> Acesso em: 20 Nov. 2017.

\_\_\_\_\_. A História em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo historiográfico. In: *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

CANDIOTTO, C. Michel Foucault e o problema da antropologia. In: *Revista Philosophica*, Valparaíso (Chile), v. 29, n. 1: Valparaíso, 2006, p. 183-197.

DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. 8ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2011.

\_\_\_\_\_. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_ & GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Tradução: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

ERIBON, D. *Michel Foucault, 1926-1984*. Tradução: Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad: Salma Tannus Muchail. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Gênese e estrutura da antropologia de Kant*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo : Edições Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001b.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FONSECA, M. A da & MUCHAIL, S. T. La thèse complémentaire dans la trajectoire de Foucault. In: *Rue Descartes*, Collège internacional de Philosophie, nº 75, p. 21-33, 2012/3. Disponível em: < <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2012-3.htm>>. Acesso em: 20 Set. 2017.

KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Célia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. Was ist der Aufklärung? [O que é esclarecimento?]. In: *Textos Seletos*. Trad: Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUCHAIL, S. T. Foucault e a história da filosofia. In: *Tempo soc.*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 15-20, Oct. 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v7n1-2/0103-2070-ts-07-02-0015.pdf>>. Acesso em: 22 Out. 2017.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RIBAS, T. F. *Foucault: saber, verdade e política*. São Paulo: Intermeios, 2017.

SARDINHA, D. As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética. In: *Trans/Form/Ação*, v. 33, n.2, p. 177-192, 2010. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/1038/937>> Acesso em: 15 Out. 2018.

\_\_\_\_\_. Différence entre l'anthropologie pragmatique et l'anthropologie métaphysique. In: *Rue Descartes*, Collège international de Philosophie, n° 75, p. 46 - 59, 2012/3. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2012-3-page-46.htm>>. Acesso em: 16 Set. 2017.

TERRA, R. R. Foucault leitor de Kant: da antropologia à ontologia do presente. In: *Analytica*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 1, 1996, p. 73-87. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/401/358>. Acesso em: 22 Jun. 2014.